

CARTOGRAFIAS DE UMA REDE DE PESQUISA: ACESSANDO MODOS DE FAZER NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA¹

Jean Nilton Schuch Forte², Ana Maria Hoepers Preve³

¹ Vinculado ao projeto “Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias”

² Acadêmico (a) do Curso de Geografia Bacharelado – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC

³ Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – ana.preve@udesc.br

A presente pesquisa, vinculada ao projeto ‘Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias’ e, por sua vez, ao Grupo de Pesquisa ATLAS/UDESC teve como foco nesta primeira etapa o estudo de trabalhos publicados pelos coordenadores dos Polos que compõem a Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”. A Rede se organiza em polos, sediados em instituições públicas de ensino e pesquisa. Hoje se constitui com base em nove polos e onze instituições envolvidas, a saber: polo Montería na Colômbia (Córdoba-UNICOR); Natal/RN (UFRN); Uberlândia/MG (ESEBA/UFU); Vitória/ES (UFES); Campinas/SP (UNICAMP); São Paulo/SP (Escola de Artes, Ciências e Humanidades/EACH/USP); Dourados/MS (UFGD); polo SUL/Florianópolis (em três universidades UDESC, UFPR, UFFS-Erechim); e polo Buenos Aires/AR (UBA). Essa rede, por sua vez, enfatiza sua pesquisa no campo das imagens, do conceito de espaço e no campo da educação. No âmbito da rede o objetivo da pesquisa que realizei foi estudar o conjunto de estratégias educacionais com base nas diferentes linguagens presentes nos trabalhos dos coordenadores dos polos que a compõe. Nesse sentido, a pesquisa nesse primeiro ano foi percorrer os referidos polos por meio da produção dos coordenadores. Percorremos os polos estudando de cada coordenador duas publicações recentes disponíveis no site www.geoimagens.net com o objetivo de verificar de que modo e quais as linguagens utilizadas para configurar um trabalho no âmbito das imagens, da geografia e da educação. O procedimento para estudar os polos se deu da seguinte maneira: leitura e estudo de dois textos selecionados em conjunto com a orientadora, com eles produzia-se um resumo de cada texto, extraíndo os termos mais utilizados, os autores mais citados, a metodologia de trabalho; as linguagens utilizadas, uma imagem também extraída dessas produções procurando com essa espécie de cartografia identificar de que modo cada polo e seu coordenador trabalha com as imagens, com as geografias e com a educação. Com essa cartografia dos polos podemos destacar as seguintes contribuições sobre as estratégias utilizadas que configuram modos de fazer dos polos: no polo Colômbia a presença da fotografia e do cinema para trazer à tona paisagens outras dos povos tradicionais. Nesse sentido, a fotografia apresentando as espacialidades corporais dos Pawarandó Beguido-Colômbia e o cinema as paisagens da Colômbia. No polo Natal é a fotografia utilizada como linguagem para pensar a migração e um sentido de pesquisa junto aos alunos do curso de geografia. No polo Vitória, a força da cartografia e uma relação com o pensamento da filosofia da diferença para desfazer a força da imagem de mapa e de cartografia. No polo Campinas, a força no cinema a produzir relações espaciais, bem como a produzir geografias menores. Aqui o

pesquisador também se alia aos autores da filosofia da diferença. No Polo São Paulo, o status de realidade das fotografias aéreas verticais e a visualidade dos atlas geográficos escolares nos fazendo perceber detalhes sobre a produção dos mapas e o modo como eles nos educam. No polo Dourados, cinema e professores de geografia da rede pública e as linguagens literárias no ensino de geografia, também uma relação com escolas indígenas. No polo Sul, as cartografias intensivas e as multiplicidades de linguagens e saberes geográficos, este polo ainda se encontra incompleto nos meus estudos. E por fim, no Polo Buenos Aires, o cinema e a fotografia na cultura visual e espacial dos professores de geografia na Argentina. A pesquisa sobre o Polo Uberlândia ainda não foi realizada. Com este estudo até aqui podemos concluir que cada polo explora determinadas linguagens para construir seu modo de fazer próprio e com tal modo de fazer explorar uma relação entre geografia e educação que escapam ao modo de fazer tradicional. As linguagens aqui têm seu sentido de produtoras de conhecimento e não de ilustradoras de um já sabido na educação geográfica. A presente pesquisa não se encerra aqui, seguimos trabalhando com os polos faltantes e com leituras novas dos coordenadores para ampliarmos sempre um sentido de modos de fazer e sua relação com a produção de conhecimento na educação geográfica. Outro ponto que importa destacar nessa conclusão são os aprendizados do bolsista de iniciação científica neste seu primeiro ano de bolsa. Para além dos dados coletados no estudo em pauta ressaltamos que esta bolsa possibilitou ao bolsista uma melhor inserção no seu curso de graduação: aprender a ler um texto científico com o rigor da pesquisa, a extrair dele determinados pontos e com eles escrever um resumo foram fundamentais no desempenho acadêmico de alguém que estava afastado dos bancos escolares por muito tempo. Acreditamos fortemente na potência dessa inserção para a construção de estudante mais comprometido com as questões de seu curso.

Palavras-chave: Educação geográfica. Rede de pesquisa. Diferentes linguagens. Cartografias.